



## A AVENTURA DE FAZER O JORNAL



NA ESCOLA

Carlos Carvalho da Costa





**Título:**

*A Aventura de Fazer o Jornal Na Escola*

*O desafio intelectual da produção do Jornal na Escola*

**Autor:**

*Carlos Carvalho da Costa*

**Ilustradores:**

*Rui Mouro e Sérgio Coutinho*

**Prefácio:**

*Eduardo Madureira, Diretor pedagógico do PÚBLICO na Escola*

**Posfácio:**

*Amelia Álvarez, Universidade Carlos III, Madrid, Laboratório de Investigação Cultural*

**Design Gráfico:**

*Isabel Espinheira*

**Edição digital:**

*Direção-Geral da Educação*

**Impressão patrocinada por:**

*GMCS – Gabinete para os Meios da Comunicação Social*

O Autor não escreve segundo o Acordo Ortográfico de 1990.







## **A AVENTURA DE FAZER O JORNAL NA ESCOLA**

### **O DESAFIO INTELECTUAL DA PRODUÇÃO DO JORNAL NA ESCOLA**

Texto: Carlos Carvalho da Costa

Ilustrações: Rui Mouro e Sérgio Coutinho

Prefácio: Eduardo Madureira, Diretor pedagógico do PÚBLICO na Escola

Posfácio: Amelia Álvarez, Universidade Carlos III, Madrid

Laboratório de Investigação Cultural





## ÍNDICE

Nota de Apresentação	11
Prefácio	13
Apresentação	15
Introdução	18
Trabalho, organização e cooperação	22
Objectivos da publicação	30
Equipa	32
Estatuto Editorial	34
Conteúdo	36
Circulação, leitores, tiragem e suportes	38
Formato, papel e número de páginas	40
Recursos	42
Periodicidade	46
Título	48
Ficha técnica	50
Primeira página	52
Conselho de redacção	54





Actividades de arranque	56
Dinâmicas de trabalho	58
Guião de momentos essenciais	60
Paginação, impressão e distribuição	70
Eventos relacionados com o jornalismo	74
Outros suportes de difusão	76
Conclusão	82
Pós-fácio	84
Referências	86
Autores	87





Ao Henrique e à Maria.





## AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos alunos e professores portugueses, aos profissionais dos *media* e às centenas de formandos – licenciados, mestres e outros que têm participado nas actividades e cursos que temos orientado nos campos da Comunicação e da Educação – com quem temos tido o privilégio e o prazer de trabalhar os métodos e as técnicas aqui expostos. À indefectível e sempre presente Ana Rosa Pinto pela motivação e sorriso permanentes e, de forma especial, à sensibilidade estética transmitida na organização das ilustrações e do texto. A todos o nosso bem-hajam.







## Nota de apresentação

Esta obra do Doutor Carlos Carvalho Costa é um excelente convite à criação e dinamização de jornais em contexto escolar.

Profundo conhecedor da dinâmica do jornal escolar, da sua importância como instrumento de cidadania e como veículo de aprendizagem, o autor convida professores e alunos a conhecer o desafio que é produzir um jornal na escola.

Mais do que um convite, este é um guia de viagem que nos prepara, a todo o momento, para o que há a saber, a conhecer e a fazer e nos aconselha qual a melhor forma de produzir um jornal escolar.

Este roteiro tem a particularidade de poder e dever ser lido pelos alunos que, ao longo da leitura, se podem apropriar de conhecimentos e capacidades imprescindíveis a esta aventura de fazer um jornal.

Fernando Egídio Reis,

Diretor-Geral da Direção-Geral da Educação







## Prefácio

### O Papel Insubstituível dos Jornais Escolares

A escola é, permanentemente, instada a desempenhar as mais variadas missões educativas. Quem tiver oportunidade de reparar na lista de pedidos que, ao longo de tempos mais ou menos recentes, múltiplas vozes foram e vão endereçando às professoras e aos professores, verificará que ela é excessivamente longa. Importa, diz-se, promover a educação alimentar, ambiental, financeira, para a saúde, para a sexualidade, para o consumo, para o empreendedorismo, para o optimismo, para o sofrimento, para os *media*, para a prevenção dos fogos florestais ou da sinistralidade rodoviária, se recordarmos apenas alguns exemplos. É, obviamente, impossível dar uma resposta positiva a todas estas solicitações, mesmo quando se dá o caso de elas, ainda que não se afigurem de idêntica relevância, serem, como maioritariamente são, de utilidade óbvia. É, contudo, possível encontrar no jornal escolar um espaço exemplarmente apropriado para coser os retalhos de várias das tarefas educativas referidas, estabelecendo, assim, a unidade requerida por uma educação integral.

O jornal escolar pode cumprir e cumpre um papel educativo absolutamente insubstituível. As vantagens que a sua edição oferece são incontáveis. Pode, por exemplo, fornecer uma oportunidade para a revelação da criatividade dos mais novos ou divulgar (e conservar para memória futura) o que de mais importante se faz num estabelecimento de ensino. O rol de virtualidades de um jornal escolar é extenso. Como muito bem sabem inúmeros docentes, ele pode ser aproveitado para melhorar a aprendizagem de determinadas matérias disciplinares ou para promover valores como a cooperação e a solidariedade.

O jornal escolar é ainda susceptível de estimular um olhar mais atento e mais crítico para um mundo cada vez mais saturado de informação, evidenciando algumas das múltiplas questões que diariamente se colocam no mundo do jornalismo: O que deve e o que não deve ser notícia? Ou seja,





que informação deve ser seleccionada para incluir no jornal? Como é que se deve hierarquizar a informação? O que deve figurar na primeira página? Quem se deve escutar para escrever uma notícia? Como se distingue a boa da má informação? A participação num jornal escolar permite que alunos e professores, na condição que também ocupam de produtores de informação, façam perguntas e encontrem respostas que servirão para conhecer melhor a engrenagem mediática, que tanto a todos condiciona.

Tem, evidentemente, razão quem diz que os humanos são os únicos seres vivos que tropeçam repetidas vezes nos mesmos obstáculos. Se assim não fosse, o amplo conhecimento factual que temos das vantagens que a imprensa escolar oferece ao ensino e à educação ditaria uma aposta muito forte na produção jornalística nos nossos estabelecimentos de ensino.

Eduardo Jorge Madureira Lopes  
Director pedagógico do PÚBLICO na Escola





## **Apresentação**

O livro que agora é dado à estampa apresenta-se ao leitor como um manual sobre a feitura do jornal na escola, transversal a todos os níveis de ensino, do Pré-escolar ao Superior. Trata-se de um texto que carrega um conjunto de sugestões, que esperamos seja útil e prático, para crianças, adolescentes, jovens e adultos.

Não é um trabalho exaustivo sobre o jornalismo escolar, mas um contributo despretensioso e simples sobre alguns dos métodos e das técnicas utilizados na área. Com essa finalidade, ao longo de cada capítulo, sem delongas, vamos destacando os aspectos mais importantes para um projecto desta natureza ter êxito junto das comunidades escolares.

Para facilitar a leitura, apresenta-se o conteúdo dividido em duas partes: uma destinada aos adultos e outra especificamente para crianças. Para estes, o texto é mais simples e encontra-se acompanhado de algumas ilustrações; para aqueles, enforma de um pendor mais técnico.

O jornal escolar não é um mero recurso documental, mas uma verdadeira ferramenta cultural de elaboração activa do conhecimento no contexto escolar.

Para se almejar isso, a actividade didáctica e cultural proposta ao aluno tem de conter rasgos de actividade significativa: com o envolvimento de alunos e professores em actividades reais; com vista à excelência; intelectualmente desafiantes; com objectivos e metas claramente definidos.

As tarefas não podem ser levadas a efeito na base da rotina e seguir critérios formais semelhantes aos das classes tradicionais.

Este tipo de trabalho leva os alunos a uma implicação motivadora no processo de aprendizagem. As actividades e as práticas sociais são potenciadas com mediadores (instrumentais e sociais). O jornal aglutina em si o escolar e o extra-escolar.





Baseando-nos em investigações que levámos a efeito anteriormente sobre o tema, é indubitável que a aprendizagem frutifica quando os alunos são chamados a assumir um papel pró-activo e participam em actividades significativas.

No contexto de dificuldades económico-sociais em que vivemos, há medidas simples que podem ser implementadas na Educação, no Ensino e na Formação que, além de emblemáticas, fazem toda a diferença.

Uma delas, que deveria ser generalizada e reforçada, prende-se com a orientação pedagógica dos alunos. Deveria ser feita desde muito cedo, logo na entrada na creche ou, nos casos em que isso não é possível, ser apresentada aos pais e encarregados de educação como condição *sine qua non* na sua formação parental para que sejam implicados e responsabilizados na sua implementação junto dos seus filhos e educandos.

Refira-se que ao contrário do que ao longo de anos tem sido habitual enfatizar na investigação educacional, os motivos do insucesso académico, profissional, pessoal e, entre outros, social têm outra origem. Não radicam na falta de condições socioeconómicas ou culturais. Começa a ser posta de lado, por exemplo, a ideia de que as crianças provenientes de famílias mais desfavorecidas, com uma cultura livresca baixa, que ouviram um menor número de palavras, têm um vocabulário menos rico que outras de famílias mais abastadas. Pelo contrário, essa fragilidade advém essencialmente do carácter de cada pessoa, que pode ser trabalhado. Ou seja, tem-se dado excessiva importância aos aspectos cognitivos, que concorrem para o Quociente de Inteligência (QI). Investigações levadas a cabo nos últimos anos reorientaram essa agulha para as características que vão contribuir para um crescimento estruturado da criança, adolescente, jovem e adulto. Uns, os estudiosos da área da economia, referem-se-lhes como capacidades cognitivas. Outros, os que se dedicam à psicologia, denominam-nos como traços da personalidade. Os restantes, onde pontificam a maioria das pessoas, consideram-nos princípios que formam o carácter. A saber: confiança, determinação, curiosidade, rigor, autonomia, esforço, autocontrolo, aptidão social, persistência, espírito de iniciativa, responsabilidade.





A nível da investigação educacional em Portugal, consideramos que se tem dado uma eminência excessiva aos dados estatísticos, pontificando os valores quantitativos e números finais das aprendizagens, privilegiando-se mais os resultados em detrimento dos processos. Continua-se, pois, a lavrar no erro de se evidenciar em demasia os fins, quantificados, não se dando atenção aos procedimentos, às relações e interacções entre as pessoas envolvidas.

Sabemos e é comumente aceite que a Educação é um bem intangível; não se compadece de análises estatísticas; não é uma linha ou uma cadeia de montagem; não é um mero processo de *input* (dados de entrada) e de *output* (rendimento, produção). Trata e envolve pessoas com as suas idiossincrasias, integradas em ambiências (com coisas que rodeiam) e interacções. Porém, é importante criar condições nas escolas para que toda a comunidade (escolar e a que envolve a escola) possa beneficiar de acções que melhorem e reforcem estes aspectos.

Carlos Carvalho da Costa



## Introdução

### O Jornal como Instrumento Activo de Aprendizagem

A utilização dos meios de comunicação na escola é uma prática amplamente difundida, tanto histórica como culturalmente. Entre eles, a imprensa escrita e especificamente o jornal ou imprensa diária ocupa um lugar de destaque, pois não é em vão que foi o primeiro meio de comunicação de massas reconhecido como tal desde o seu nascimento e o mais difundido até ao aparecimento da rádio, do cinema ou da televisão. Por outro lado, o jornal ao basear-se na letra escrita adapta-se especialmente ao primeiro e quase exclusivo objectivo da escola formal durante vários séculos: a alfabetização. Neste sentido, a incorporação da imprensa na escola fez mais justiça à realidade social do que poderia ocorrer com os restantes meios referidos, cuja incorporação foi mais titubeante, pelo menos em certos sistemas educativos.

A presença e utilização do jornal na escola adopta duas modalidades básicas que, pensamos nós, têm que ver com as distintas concepções educativas subjacentes à elaboração do currículo ao longo da história. Uma que, baseada na concepção do aluno como mero receptor na cadeia de transmissão do conhecimento de acima abaixo, considera o jornal – ou qualquer outro meio de comunicação ou conteúdo cultural – como depósito ou armazém de conteúdos aos quais eventualmente se pode recorrer para obter dados sobre determinados factos que dizem respeito aos conteúdos curriculares. Seria mais um recurso documental auxiliar, como pode ser uma enciclopédia ou um documentário de televisão. É o jornal na escola. Outra, que tem as suas raízes na tradição da pedagogia activa dos princípios do século XX e que sustenta o papel fundamental do aluno na elaboração do seu próprio conhecimento através da actividade prática; considera o jornal como uma ferramenta cultural privilegiada que permite a sua utilização na escola não





como um mero recurso documental, mas como uma verdadeira ferramenta de elaboração activa do conhecimento, o qual passa, naturalmente, pela elaboração do jornal. É o jornal escolar.

A construção dos conhecimentos parte de uma base social e tem lugar num contexto de actividades práticas quotidianas mediadas por instrumentos culturais (linguagem, meios de comunicação, livros, etc.) que se estabelecem como formas de relação entre a pessoa e a cultura.

Concebemos portanto o jornal escolar como uma forma de actividade prática e significativa para cuja realização se requer um conjunto de mediadores sociais e instrumentais que caracterizam a aprendizagem desde a perspectiva vygotskiana e constructivista genético-social.

A partir do nosso trabalho profissional no campo do jornalismo e as suas aplicações educativas, temos dados para supor que o jornal escolar está a ser utilizado em muitas escolas de forma rotineira, como tarefa e não como actividade e que as suas potencialidades não estavam a ser aproveitadas para promover a aprendizagem segundo os princípios anteriormente enunciados.

Defendemos o princípio basilar de que o processo de ensino-aprendizagem não assenta exclusivamente nos *curricula* pré-estabelecidos (de acordo com as matérias e um programa estipulados rigidamente, coadjuvados por manuais). Tudo o que envolve o aluno e o professor no dia a dia é passível de servir de mote para a instrução, o ensino, a educação, a formação e a qualificação na relação dinâmica entre o aluno e a situação contextual. Nesta linha, compreende-se como os processos de desenvolvimento humano têm lugar na cultura.

Os alunos são o centro do processo educativo, no sentido de que assumem o verdadeiro papel de artífices do ensino e da aprendizagem. Com isto não queremos dizer que os alunos percebem e dão seguimento em exclusivo ao processo. Não, os professores e todos os que rodeiam os discentes têm neste âmbito uma missão importante a cumprir.





Pretende-se ir mais além do ensino e da educação formal, abrangando o ensino e a educação informal, envolvendo individualidades e entidades, numa verdadeira comunidade de aprendizes.

Este tipo de projecto fomenta a livre – mas responsável e permanente – aprendizagem e potencia nos alunos competências relacionadas, genericamente, com a cognição, a conduta, a formação de atitudes e valores, a cooperação e a cidadania. Desta forma, é possível o desenvolvimento da escrita, da leitura e da capacidade de expressão; assim como o respeito pela diferença, pela tolerância, logo, conseqüentemente, a integração mais fácil na sala de aula, na escola e na sociedade (diminuindo os problemas comportamentais); o interesse pelos assuntos da escola e da comunidade; o trabalho em equipa; a responsabilidade, a autonomia e o reforço da auto-estima.





## Os Alunos

O Henrique, a Filipa, o Gonçalo, a Sara, o Tiago e a Mafalda representam centenas de alunos que participaram na experiência de fazer o jornal na escola na linha do que vamos apresentar. Estes nossos amigos vão contar-nos o que aprenderam e como é tão motivador praticar o jornalismo desde os primeiros anos e trabalhar neste tipo de projecto.





## **Trabalho, organização e cooperação**

Pôr de pé um jornal escolar é uma empreitada fascinante. Exige tempo e disciplina, mas os resultados ao nível das experiências e das aprendizagens ultrapassam incomensuravelmente toda a canseira despendida.

Para a feitura do jornal escolar não há modelos únicos ou fórmulas mágicas. Há, isso sim, trabalho, organização e cooperação. Trabalho realizado em equipa, na base da tolerância, do respeito mútuo, em que todos são mutuamente aprendizes, apoiantes, expertos, ajudantes, amigos e parceiros na partilha de saberes e de competências.

Cada escola é um caso, com as suas mais-valias e as suas fragilidades. Cada projecto de jornal escolar deverá assumir as características do estabelecimento de ensino e do meio em que está envolvido. Depois, mãos à obra, fazendo uso do jornal enquanto ferramenta na elaboração do conhecimento e instrumento activo de aprendizagem que encerra uma infindável quantidade de virtualidades pedagógicas, culturais e cívicas. Onde borbulham não só os aspectos eminentemente escolares, mas também de intervenção cívica e do exercício da cidadania, tão caros ao Estado Democrático, onde estão inscritos os direitos, as liberdades e as garantias.

Trabalhar no âmbito do jornal escolar e no contexto da Educação para a Cidadania pode revelar-se uma inovação pedagógica, que altera a dinâmica escolar e a relação tradicional, unívoca, professor-aluno e do trabalho rotineiro. Que quebra o formato clássico e rígido de aula e de disciplinas. Que aposta no desenvolvimento pessoal e social. O jornal assume-se, ao cabo e ao fim, como uma escola de vida, para a vida, ajudando a elevar a auto-estima dos seus participantes e desenvolvendo neles competências de auto-respeito, auto-aceitação e auto-confiança.





## HENRIQUE

“Filipa, concordas que trabalhar para o jornal na escola é muito interessante?! E que para termos êxito é importante fazê-lo em equipa?!”



## FILIPA

“Sem dúvida. O jornal é uma ferramenta que permite a participação de todos e contribui para estarmos atentos a tudo o que de mais significativo se passa na nossa escola e em seu redor”.

## GONÇALO

“Sem darmos por isso, temos a oportunidade de nos inteirarmos do que vai sucedendo dia a dia, à nossa volta. Através desse envolvimento permanente e activo, sentimo-nos confiantes e realizados enquanto alunos e pessoas”.

**dia a dia a dia a dia**





Mesmo não havendo passes de mágica na produção do jornal escolar, há, porém, um conjunto de princípios que podem nortear o trabalho na área. É o desfiar de algumas sugestões que nos propomos apresentar aqui, com base na experiência, no nosso trabalho profissional no campo da educação e do jornalismo. Não pretendemos, uma vez mais, ser exaustivos. Apenas transmitimos algumas sugestões que poderão servir de mote ao processo parcimonioso e persistente do jornal escolar.

Decidir planejar e realizar um jornal supõe ter presente aspectos relacionados com a estrutura e a organização que lhe dará sustentabilidade; ter conhecimento de aspectos técnicos ligados ao jornalismo: recolha, selecção e hierarquização das notícias; técnicas de redacção jornalística; separar o que é notícia de opinião e de entretenimento; publicidade; questões da censura e de auto-censura, etc.

Há diferentes suportes que podem ser utilizados no jornalismo escolar:

- jornal impresso, que é o mais habitual e o que subjaz a este trabalho;
- jornal de parede, que se pode revelar um excelente aliado do jornal impresso;
- jornal falado, que se apoia na comunicação oral; jornal audiovisual, que permite recorrer ao desenho, ao vídeo e à mímica, juntando-lhe a música;
- o jornal electrónico, ligado à *internet*, ainda que possa correr o risco de ser uma cópia fiel do jornal impresso.





## SARA

“Mas há regras de trabalho que devemos ter sempre presentes para conseguirmos um jornal bem feito, com a necessária qualidade. Como em qualquer actividade, o seu sucesso não se atinge com passes de mágica ou pozinhos de perlímpim. O cumprimento de cada uma das tarefas exige da nossa parte toda a atenção e cuidado. Os adultos chamam a isso rigor, disciplina, responsabilidade, mérito e excelência”.



## MAFALDA

“Por isso mesmo é que para concebermos e realizarmos um jornal de qualidade há a necessidade de termos conhecimentos de jornalismo”.

### Orais

#### Audovisuais

#### Impressos

## TIAGO

#### Electrónicos

“Da recolha que foi feita sobre os jornais que têm sido publicados nas escolas, demo-nos conta de que os mais habituais são os impressos em suporte de papel, de parede, os orais, os audiovisuais e os electrónicos”.





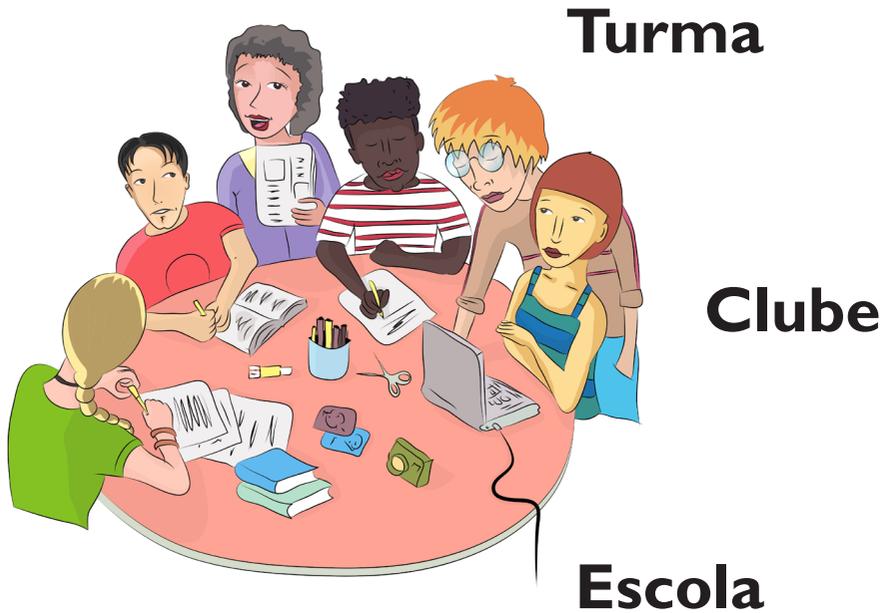
No campo da abrangência dos participantes e da difusão, há, ainda, diversos tipos de jornais:

- jornal de turma, que, regra geral, é produzido quando há alguma continuidade dos alunos que integram a turma e, nesse contexto, se fortalecem laços identitários;
- jornal de curso ou disciplina (exemplo das línguas);
- jornal de clube, que surge normalmente no âmbito das actividades de complemento curricular;
- jornal da escola, que se revela como o mais usual;
- jornal inter-escolas, juntando várias escolas e assumindo agora um enorme propósito, pela existência de agrupamentos de estabelecimentos de ensino;
- jornal comunitário, que retrata o que acontece numa determinada comunidade e área geográfica, onde normalmente não há órgãos de comunicação social.



## FILIPA

“E quanto às pessoas envolvidas, à área geográfica que abarca e onde é difundido, sabemos que o jornal pode ser trabalhado na turma, num curso ou disciplina, num clube, numa escola ou em várias escolas, da localidade ou várias localidades, e mais recentemente num agrupamento ou agregação”.





São diversos os passos que podem ser seguidos para projectar, editar, produzir e publicar um jornal escolar: objectivos, equipa, estatuto, conteúdo, leitores, recursos, dinâmica, periodicidade, título e, outrossim, formato, ficha técnica, conselho de redacção, circulação e venda.

Não vamos explicitar longa e pormenorizadamente cada um dos níveis, nem ser prolixos na apresentação de exemplos concretos; apenas enunciámos tópicos que poderão servir de mote para o esboçar e o implementar do processo da feitura do jornal escolar. Os intervenientes poderão criar tempos e espaços de recolha e de reflexão, inclusive, contando com o apoio de profissionais e especialistas na área.

Ainda assim, enunciámos os aspectos que pontificam em cada um dos estádios do lançamento de um jornal escolar e na manutenção do projecto.

Apresentamos estes critérios sem qualquer preocupação de rigor sequencial, uma vez que todos eles se interligam e interpenetram.



## HENRIQUE

“Aprendemos também que há aspectos que não podem ser esquecidos neste tipo de projecto. Devemos dar atenção a um conjunto de referências e palavras com as quais te vais passar a familiarizar: objectivos da publicação, equipa, estatutos, conteúdo, leitores, recursos, dinâmicas, momento em que é publicado, título, formato, ficha técnica, conselho de redacção, circulação e, entre outros, venda. Para que possamos ficar esclarecidos, vamos ao longo do texto abordar cada um.”



## Principais passos para um jornal de qualidade



## FILIPA

“Isso mesmo Henrique, vamos então explicar os aspectos principais e os passos para que o jornal seja produzido com qualidade”.





## Objectivos da publicação

Os objectivos envolvem os fins a que se destina o jornal e os públicos que o vão produzir e ler. Por exemplo, pode ter em vista:

- uma melhor integração escolar e social dos alunos;
- a abordagem das questões escolares e/ou da comunidade (ligação escola-meio);
- a actualização e o complemento do manual e do currículo, numa articulação entre o que é curricular e o extracurricular;
- a introdução de metodologias activas no processo de ensino e de aprendizagem.
- a reflexão e a prática continuadas sobre a ética e a estética.

Propomos ir mais além de simples indicadores declarativos e chegar aos procedimentos: é importante que o jornal seja um verdadeiro sistema de actividades reais, práticas e significativas, que visem a excelência; com organização, disciplina, ordem, regras e responsabilidades atribuídas aos participantes que concorrem para a sua feitura. Desta forma, funciona como ferramenta na elaboração do conhecimento, proporcionando aprendizagem e desenvolvimento co-construídos.

Tem cabimento neste campo o tipo ou modelo de jornal que se pretende produzir, podendo decidir-se no âmbito de uma trilogia de possibilidades: um periódico simples, com as características do fanzine (publicação feita por amadores, que depende das possibilidades económicas de quem a produz, funcionando como uma ferramenta impressa de baixos custos); um jornal a sério da escola; ou um suplemento de um jornal que se publica na localidade. Na sequência do que salientámos no capítulo anterior e para que possamos aproveitar transversalmente as virtualidades que este tipo de *media* potencia no processo de ensino e aprendizagem, consideramos que a melhor opção passa pela aposta num projecto consistente do jornal da escola, articulado com o currículo.





## SARA

“Uma das coisas boas que o jornal proporciona é ajudar-nos a conhecer melhor os nossos colegas, a nossa escola e o meio em que vivemos”.



## MAFALDA

“O trabalho que desenvolvemos para o jornal é prático, motivador e ajuda-nos a perceber melhor as matérias apresentadas nas aulas, numa permanente ligação com a realidade”.





## **Equipa**

A equipa poderá ter representantes de todos os órgãos da escola. Poderá envolver alunos, professores, não docentes, pais e encarregados de educação. A coordenação poderá ser efectuada só por professores, só por alunos ou por um misto de alunos, professores, não docentes e outros.





## HENRIQUE

“Todas as pessoas ligadas à escola podem fazer parte da equipa do jornal. A participação de cada um é importante: os nossos professores, os nossos colegas, os não docentes, os nossos pais e encarregados de educação e outras pessoas da nossa comunidade”.



# Equipa Principal





## **Estatuto Editorial**

O estatuto irá retratar aquilo que se pretende para o jornal nas esferas deontológica, ética e estética. Se segue a linha editorial de isenção e independência em relação a pessoas ou órgãos, respeitando o princípio da liberdade de expressão e da pluralidade, ou se é um órgão ao serviço de individualidades, entidades ou ideias. Se pretende seguir o caminho do rigor informativo, com respeito pelas fontes e pelos leitores (jornal de informação) ou se pretende assumir o seguidismo dos tablóides (jornal de pendor especulativo e mexeriqueiro).

De acordo com a Lei de Imprensa (Lei 2/99, de 13 de Janeiro), qualquer publicação periódica informativa deverá assumir um estatuto editorial, sustentado pelos princípios éticos e deontológicos e pela boa fé dos leitores. Este estatuto deve, inclusive, ser publicado ano a ano.

O envolvimento de todos os participantes na elaboração do estatuto revela-se de extrema pertinência e de elevado propósito e significado, para que cada um se reconheça nos princípios e orientações e os cumpra e os faça cumprir. O estatuto funciona, por assim dizer, como a bússola do periódico.





## GONÇALO

“Para que saibamos qual a linha de orientação do nosso jornal, importa que a nossa equipa decida as regras de orientação. São princípios que ficam escritos num documento que os profissionais do sector chamam ‘Estatuto Editorial’ e que serve de bússola para todos participantes. Deve ser democraticamente debatido e assumido por todos. Mas há outro texto que, explicaram-nos, é uma lei publicada no Diário da República, regula o funcionamento dos jornais e se chama “Lei da Imprensa””.



## Estatuto Editorial





## Conteúdo

Também ganha pertinência a reflexão prévia e continuada sobre o conteúdo do jornal. Se vai abordar assuntos de uma disciplina, de uma turma, da escola inteira, do meio, de âmbito local, regional e/ou nacional. Se os temas serão estritamente educacionais ou serão transversais às várias áreas da sociedade.

As rubricas ou secções que deverá conter. Se vai ou não incluir a diversidade dos géneros jornalísticos (informativos e opinativos).

Há uma miríade de possibilidades na elaboração de textos que interessam aos leitores em geral, da escola e da comunidade, tangendo cada um dos géneros jornalísticos:

- a notícia sobre algo que tenha ocorrido e que seja do interesse;
- informações que se revelem importantes para os leitores;
- uma reportagem sobre um assunto pertinente ou como resultado de uma visita de estudo;
- uma entrevista com uma personalidade que, pelas suas funções, responsabilidades ou competências, tenha algo de importante a transmitir;
- um texto de opinião sobre um tema candente;
- informação sobre a agenda cultural da escola e da localidade;
- um inquérito sobre um tema que suscite curiosidade ou esclarecimento que possa ser dado a partir de várias perspectivas ou que possa ser engrandecido com a pluralidade de posições;
- a divulgação de problemas na escola ou comunidade e a posição das entidades com responsabilidades na área.



## FILIPA

“O jornal pode abordar assuntos de uma disciplina, de uma turma, da escola e da localidade, da região, do país ou até do Mundo, conforme decidirmos o que queremos publicar”.



## TIAGO

“É conveniente organizamos o jornal em áreas a que damos o nome de ‘secções’ ou ‘rubricas’ e que servem para identificar o tipo de matéria que publicamos (se, por exemplo, são notícias e informações ou se são opinião), de acordo com cada tipo de texto que escrevemos. A divisão é feita por aquilo a que, na linguagem jornalística, designamos de género jornalístico e que pode ser notícia, reportagem, entrevista ou crónica, como mais à frente vamos explicar”.



Reportagem

Notícia

Entrevista

Crónica





## **Circulação, leitores, tiragem e suportes**

A circulação do jornal e os leitores a que se destina são outros aspectos importantes. Se a distribuição vai ser efectuada apenas no espaço escolar ou poderá ser mais ampla (localidade, concelho, distrito, país). Se vai ser divulgado junto dos agentes educativos ou na comunidade em geral. Se é gratuito ou pago. O tipo de leitores a que se pretende chegar (colegas, amigos, pais e família, responsáveis da escola, da autarquia, das forças vivas). Para chegar a esses públicos, qual o número da tiragem que deverá ter cada edição. Se a divulgação vai ser efectuada em suporte de papel ou também em suporte electrónico.

Com as tecnologias à disposição, é muito fácil de, para além da edição impressa, disponibilizar o jornal na *net*. A par desta possibilidade e considerando que a questão da actualidade é fundamental, pode perspectivar-se o recurso ao *weblog*, recorrendo às potencialidades que podem advir do uso do hipertexto e da interactividade. A *internet* fornece essa possibilidade de trilhar novos caminhos e de rasgar novos horizontes no jornalismo escolar.



## MAFALDA

“Mas há outros aspectos que deveremos ter em conta e que todos devemos decidir antes de lançarmos o jornal. É o caso da área geográfica onde divulgaremos o jornal, que pode ser na nossa escola, na nossa localidade, no nosso concelho, distrito, país ou, também, no estrangeiro, porque podemos ter familiares, amigos ou conterrâneos além fronteiras. Deveremos ainda preocupar-nos com os leitores a que pretendemos chegar; o número de jornais por cada edição, que se chama ‘tiragem’; se é pago; e se publicado apenas em suporte de papel ou também digital”.

Concelho

País

Escola...

... Mundo



**?? Para quem??**





## Formato, papel e número de páginas

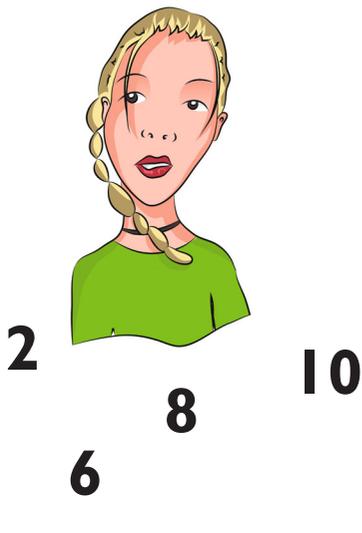
O formato terá também de ser analisado. O mais fácil de trabalhar, porque financeiramente menos custoso e funcionalmente mais simples na impressão dos exemplares (um computador, uma impressora e uma fotocopiadora são meios suficientes), é a folha A4 ou a folha A3, que, dobrada, dá o formato A4. Se houver condições para chegar mais além, pode-se emular os jornais profissionais, através, por exemplo, do formato tablóide (o mais usual, como acontece com a maioria dos jornais, de que é exemplo o “Público”) o clássico (em desuso, mas que foi seguido pelo “Expresso” até 2006, altura em que foi alvo da introdução de um novo *design* e do formato *berliner*) ou o *broadsheet* (praticamente extinto, como fora até 1998 o “Jornal de Notícias”, antes da mudança gráfica ocorrida).

O tipo de papel deve ser seleccionado com base em critérios eminentemente económicos ou ambientais: não há a necessidade de recorrer, por exemplo, ao *couché*, quando qualquer outro, inclusive reciclado, cumpre a mesma função. O número de páginas está dependente da quantidade de matéria que se pretende publicar. Será sempre, todavia, um múltiplo de dois, quatro, oito ou dezasseis (ou mais se for esse o entendimento e houver capacidade para tal), para que as dobras se possam efectuar com harmonia.



## FILIPA

“O formato do jornal que escolhermos será determinante e influenciará a qualidade da forma como apresentamos os textos e as imagens. Sabemos que o formato mais usado actualmente se chama ‘tablóide’. Quanto ao número de páginas, confirmarmos que dependerá da quantidade de matéria que queremos publicar. Mas para que as dobras das páginas sejam correctamente realizadas, o número deverá corresponder a um ‘múltiplo’ de dois. Explico melhor: o jornal terá de ter 2, 4, 8, 16 e por aí fora”.



## SARA

“E como temos sempre presente a necessidade de protegermos o ambiente e não temos muito dinheiro, deveremos escolher um tipo de papel que seja ecológico e barato”.





## Recursos

Para a consecução de um projecto desta natureza, é fundamental disponibilizar uma diversidade de meios que se podem agrupar, genericamente, em recursos humanos, financeiros, físicos, materiais, técnicos, tecnológicos e bibliográficos.

Os humanos incluem todas as pessoas que se prontificam a colaborar e a concertar esforços no cumprimento da multiplicidade de tarefas que concorrem para a planificação, edição, produção e divulgação do jornal.

Os financeiros sustentam qualquer serviço a que é necessário aceder e que a escola não tem capacidade de dar resposta: impressão do jornal na tipografia; material ou serviço a que se recorre para o registo das matérias, em especial a revelação de fotografias (ainda que a utilização da máquina digital tenha simplificado o processo); quaisquer deslocações para a recolha de informação; entre outros.

Uma das estratégias para amenizar o problema dos gastos financeiros é atribuir um preço ao jornal (é um incentivo para o jornalista e um estímulo para a leitura) e permitir a publicidade paga em local próprio (anúncios de serviços, produtos e entidades da comunidade).





## HENRIQUE

“Concordo com essas preocupações, Sara, mas para fazermos o jornal precisamos de dinheiro e de diversos materiais e meios ligados às Tecnologias da Informação e Comunicação, (TIC), agora chamadas Tecnologias da Aprendizagem e da Comunicação (TAC), porque temos evoluído da Sociedade da Informação para a Sociedade da Comunicação.”



## FILIPA

“Sem dúvida que os recursos são importantes. Se pudermos recorrer a uma tipografia para a impressão do jornal, por exemplo, será possível termos um produto final de maior qualidade e mais agradável aos olhos de quem o irá ler”.

Tipografia €

€



€

€



## GONÇALO

€

“Convém sugerir que uma das formas de angariarmos dinheiro para termos essas condições é atribuímos um preço a cada exemplar. Assim vemos o nosso trabalho recompensado. E se tivermos a oportunidade de arranjar publicidade será também uma maneira de conseguirmos mais algum apoio para as muitas despesas do jornal”.





Os recursos físicos envolvem o espaço onde é possível funcionar a redacção do jornal, de forma a acolher a equipa que nele trabalha e a dispor de mobiliário básico (secretárias e cadeiras) e dos meios técnicos e tecnológicos fundamentais para o trabalho jornalístico: computadores apetrechados com programas para o processamento de texto e imagem, com ligação à *internet*; impressora; *scanner*; máquinas fotográficas (as digitais são, efectivamente, mais funcionais ainda que a qualidade do trabalho seja, por vezes, menor); gravadores áudio; fotocopiadora; fax; telefone; material de desgaste (canetas, blocos, *CD*, *DVD*, *pen*). Naturalmente que nem todos os materiais serão necessários ou terão de estar ao serviço exclusivo do jornal. O fax da escola ou da sede de agrupamento, por exemplo, servirá também para o jornal escolar.

Outra área dos recursos importante para os jornalistas é a respeitante a livros, designadamente enciclopédias e outros ligados às línguas. É fundamental existir um dicionário da língua materna, de entre outros (verbos, estrangeirismos, sinónimos, problemas de linguagem, origem das palavras, etnologia, calão, provérbios), assim como de uma gramática e de prontuário. Há manuais práticos e simples de português que são um excelente apoio a este nível como é o caso do “Português prático para jornalistas”, do Cenjor, de Duarte e Durão (2001).



## SARA

“Os principais recursos de que necessitamos são o mobiliário básico (secretárias e cadeiras), computadores com ligação à *internet*, impressoras, *scanner*, máquina fotográfica digital, gravador áudio, telefone e material de desgaste, como é o caso, entre outros, de folhas e esferográficas”.

Secretárias

Cadeiras

*Scanner*

Computador

Camara



## TIAGO

“Para que possamos escrever correctamente, sem erros, deveremos ter à nossa disposição dicionários ligados à nossa língua materna e outros técnicos ou de outras línguas, com o destaque para o inglês. Se for possível, poderemos ter ainda dicionários de língua portuguesa, de verbos, estrangeirismos, sinónimos, problemas de linguagem, origem das palavras, etnologia, calão e provérbios. Mas há outros documentos de apoio que deveremos ter à mão, como é o caso de uma gramática e de um prontuário com as principais palavras do português”.

Dicionário

Português

Palavras





## Periodicidade

A periodicidade da publicação deverá também ser objecto de decisão. A mais habitual coincide com os períodos lectivos e escolares formalmente elegidos pelo Ministério da Educação e Ciência que constituem o calendário escolar. Há, no entanto, uma diversidade que vai da semanal à anual. Há, também, publicações irregulares, sem periodicidade fixa. As semanais ou mensais exigem um enorme esforço pela proximidade temporal. Sublinhamos que os jornais ou revistas que não mantenham uma proximidade com os leitores (a todos os níveis, em especial a temporal) perdem o impacto. Daí que se possa salientar que a periodicidade correspondente aos períodos escolares (regra geral trimestral) é aceitável.





## MAFALDA

“Com respeito à data da publicação, temos de pensar qual o melhor momento para o fazer. Se é no final da semana ou do mês, caso menos habitual, pelos encargos que essa periodicidade mais curta acarreta; no final do período, que é seguida pela maioria das escolas; ou no final do ano lectivo ou escolar, o que faz com que só tenhamos uma edição durante esse tempo”.

Semana

Mãe

?



?

... Quando publicar...





## Título

O título é o nome de baptismo do jornal. Se for conciso e incisivo tanto melhor. É mais fácil de decorar. Normalmente traduz algo facilmente identificável com a localidade, a escola ou o jornal; ou com os anseios ou as pretensões dos alunos. Pode ser o nome do patrono da escola ou uma figura ilustre da terra. Um exercício para a escolha do título poderá revelar-se bastante interessante, junto de alunos, docentes, não docentes, pais e encarregados de educação. A estratégia de associar ao título um logótipo não é, de todo, despicienda; pelo contrário, até pode ser mais um motivo de valorização da identidade e da imagem do jornal.





GONÇALO

“Para que o jornal seja identificado e tenha uma imagem própria, é ainda conveniente que atribuamos um nome e um símbolo a que se costuma chamar ‘logótipo’”.

NOME



LOGÓTIPO





## Ficha técnica

A ficha técnica é um aspecto de enorme relevância porque enuncia de forma clara e objectiva os elementos identificadores da publicação. Pode ser colocada em qualquer página, excluindo a primeira (Figura seguinte). Normalmente é inserida na página dois ou na última. Deve conter a periodicidade; o número de exemplares; o endereço ou endereços completos da publicação; os nomes dos participantes, e, se tiver, o código do ISSN ou outro registo julgado pertinente. A Lei de Imprensa considera que as publicações periódicas devem incluir esses dados numa página que seja preenchida maioritariamente com matéria informativa.

### ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA FICHA TÉCNICA

# Projecto (título)

- Periodicidade: trimestral ou publicado no fim de cada período lectivo
- Escola: nome
- Endereços e contactos: postal, eletrónico, fax, telefone
- Director(a): fulano(a)
- Director(a)-adjunto(a): beltrano(a)
- Coordenador(a) do projecto: sicrano(a)
- Imagem e paginação: o(a) paginador(a)
- Jornalistas e repórteres fotográficos: nomes
- Conselho de redacção: nomes
- Articulistas e colaboradores: nomes
- Número de exemplares: x
- Tipografia: designação
- Registos: - ISSN xxxx-xxxx  
- Registo de sinal de marca PROJECTO, no Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI) nº xxxxx, cód.xxxx





## HENRIQUE

“Amigos, temos referido muita coisa importante, mas uma outra que não podemos esquecer é o registo de tudo o que identifique o jornal. Para percebermos melhor do que se trata, é como se fosse uma certidão de nascimento da publicação. Se prestarmos atenção, qualquer livro tem uma ficha técnica que o identifica. Também o jornal contém esses dados, como por exemplo o momento em que é publicado, o número de exemplares, morada, o nome dos jornalistas, dos opinadores; código de registo. Estes dados podem ser colocados na página dois, na última ou noutra que tenha matéria informativa”.

Nome

Endereço

Director

Coordenador

Imagem

Jornalistas

Repórteres





## Primeira página

A primeira página inclui o título e o logótipo, se for caso disso, do jornal; o nome do director; do director-adjunto e, se se considerar necessário, do subdirector (a escolher entre os jornalistas); o número da edição; o ano; a data da edição; o nome da escola e da localidade; se tiver sido efectuado o registo, o *International Standard Serial Number* (ISSN) no canto superior direito; e o preço por cada exemplar ou mencionando a sua gratuitidade, como sugere a Lei de Imprensa.

Esta página identifica o jornal; é a capa da publicação; não tem concorrente. Como acontece com a última, o campo visual reduz-se a uma. É a mais valorizada e a mais acessível. Adequa-se ao sentido de leitura, porque vai ao encontro da aprendizagem da leitura e da escrita que se efectua da esquerda para a direita, de cima para baixo e de frente para trás, ao contrário do hebraico, do japonês e do árabe (nestas, a página mais importante é a última, precisamente porque a leitura e a escrita se realizam da esquerda para a direita).

Há muitas formas de organizar a primeira página; depende da imaginação e do grafismo que se pretender implementar (Figura seguinte). Uma delas é colocar numa das colunas (à esquerda ou à direita) meia dúzia de chamadas para outras tantas peças no interior do jornal ou na última página. A mancha gráfica sobranete pode ser ocupada com o destaque de duas notícias importantes, com os títulos e uma síntese do conteúdo principal, que terá desenvolvimentos nas páginas interiores e fotos ou ilustrações de qualidade. Há muitos modelos de jornais que podem ser analisados, servindo de mote para o debate, a reflexão e a construção de uma matriz do projecto do jornal escolar.



## SARA

“Agora vamos falar na importância que cada página do jornal representa. A primeira funciona como capa. Ou seja, é a face visível do jornal. É portanto a que tem maior destaque. Tem o nome ou título, o logótipo, os nomes das pessoas que o dirigem (director, director-adjunto e, se for o caso, subdirector), o número da edição, o ano, a data da publicação, nome da escola e da localidade, o ISSN, que é uma sigla inglesa (*International Standard Serial Number*) que funciona como um código de registo do jornal, o preço e outros dados que acharmos fundamentais”.





## Conselho de Redacção

Para que o trabalho possa ser assegurado por um núcleo duro, pelo menos a nível de coordenação e orientação, é essencial formar um Conselho de Redacção. Este poderá ter representantes de cada uma das turmas da escola – professor e aluno ou alunos, independentemente do nível de ensino (os alunos devem estar à frente do processo, sempre que possível) –, sendo liderado, por exemplo, pelo coordenador do(s) estabelecimento(s) de ensino (no caso dos jardins-de-infância ou das escolas “satélite” do agrupamento ou agregação) ou pelo director do agrupamento ou da agregação (se for a sede dessas unidades escolares a realizar o jornal escolar). Este órgão é fundamental para iniciar, impulsionar e acompanhar o processo.

Quaisquer assuntos relacionados com a publicação são analisados, reflectidos e decididos pelos elementos que dão corpo a este órgão. Em particular o que respeita ao conteúdo do jornal; o elenco dos temas; a selecção das peças; a hierarquia da informação e distribuição pelas páginas.



## FILIPA

“Já dissemos que o Conselho de Redacção é um grupo, ou um órgão, que ajuda a tomar as melhores decisões para que o jornal siga o melhor caminho. É conveniente que o Conselho de Redacção tenha representantes da cada turma, nível de ensino e do próprio director da escola, do agrupamento ou da agregação”.



# CONSELHO DE REDACÇÃO



## MAFALDA

“Isso mesmo Sara, O Conselho de Redacção avalia e decide sobre o conteúdo do jornal, os temas, os textos a publicar, que na linguagem (ou jargão) dos jornais se chama ‘peças’, o local de acordo com a importância e a distribuição da informação pelas páginas”.





## Actividades de arranque

Entretanto, paralelamente a todo este trabalho, poderão ser levadas a efeito uma série de actividades preparatórias que passam pela recolha de jornais escolares e profissionais. Serão úteis para uma análise do conteúdo e da forma, donde se destaca o aspecto gráfico e do formato.

Uma estratégia que pode ajudar a decidir de acordo com as preferências do público a quem se destina o jornal é realizar um inquérito, destinado à população escolar e à comunidade no seu todo. Esta iniciativa tem uma dupla importância: dá a conhecer a intenção do lançamento de um projecto editorial; recolhe elementos essenciais que podem contribuir para o sucesso junto dos putativos leitores. A organização da forma e do conteúdo do jornal poderá, assim, receber influências fiáveis e construtivas.

É fundamental levar por diante uma aferição dos recursos existentes na escola e na comunidade, quanto aos meios disponíveis para concretizar um projecto desta natureza: se a escola está ou não apetrechada com meios informáticos, gravadores, máquina de fotografia; se na comunidade labora alguma tipografia e que tipo de impressão é possível levar a efeito; se há algum jornal local ou regional que se disponha a colaborar, designadamente na realização de acções de formação, visitas, impressão e divulgação do jornal escolar, em encarte ou como suplemento, ou, ainda, facultando uma página ou uma secção semanal à escola, para nela poder verter o resultado do seu trabalho.

Naturalmente que é imprescindível dar a conhecer o jornal aos diversos órgãos da escola, concitando a sua aprovação e, por acréscimo, criando uma base de cumplicidades e de ligação à dinâmica escolar, trilhando um caminho que se vai percorrendo caminhando.

Depois de tudo isto – que não é pouco –, é partir para a aventura da produção do jornal escolar.





## HENRIQUE



“Para sabermos o que as pessoas querem que seja publicado no jornal e, ao mesmo tempo, para terem conhecimento de o vamos publicar, podemos perguntar a quem faz parte da comunidade escolar quais são os assuntos que consideram mais importantes”.

### Assuntos Importantes

## GONÇALO

“Sim, Henrique, e aproveitamos para saber que recursos existem na comunidade que nos possam ser úteis e nos ajudem a fazer o jornal: computadores à disposição; gravadores; máquinas fotográficas; tipografia; jornal local ou regional para nos ajudarem”.



### Órgãos Pedagógicos

## TIAGO



“Além de nos preocuparmos com os que serão nossos leitores, não nos podemos esquecer dos responsáveis da nossa escola. Isto é, importa que os órgãos pedagógicos, de gestão e administração da escola conheçam o jornal”.





## **Dinâmicas de trabalho**

As dinâmicas do trabalho geradas pelo jornal escolar são inumeráveis. Estão na razão directa da criatividade e da disponibilidade dos intervenientes. Se se quiser, estão ligadas a toda a escola.

Um primeiro aspecto a salientar é que todas as actividades curriculares (disciplinares e não disciplinares) e extracurriculares enformam de características facilmente interligáveis com o jornal escolar e vice-versa. Uma das estratégias que pode ser implementada para envolver a escola na sua globalidade é integrar o jornal escolar no Plano Educativo da Escola. O jornal que funciona apenas como mais uma actividade de ocupação de tempos livres, sem qualquer ligação ao currículo escolar, não alcança as virtualidades pedagógicas, cívicas e culturais. O jornal deve acompanhar o pulsar da escola em toda a sua dimensão; unificar o currículo, articulando-o com a área extracurricular; proporcionar actividades reais motivadoras, num permanente desafio intelectual.



SARA

“O jornal aborda muitas actividades ligadas à escola e ao meio, num desafio permanente a todos os que trabalham nele”.

ARTE

LITERATURA

DESPORTO





## **Guião e momentos essenciais**

Consideramos que um projecto desta natureza e desta dimensão deve assentar numa base sólida de organização. Para cumprir todos os estádios do processo, pode ser elaborado um guião com as datas e o trabalho a levar a efeito – assumindo, por conseguinte, um carácter informativo e formativo –, que deverá ser debatido, elaborado e disponibilizado a todos os participantes.

Entretanto, ficam estipulados, desde logo, pelo menos três encontros para se efectuar o ponto de situação de todo o trabalho que irá decorrer (início do processo, meio e data do término da entrega).

Na primeira reunião confirmam-se as datas de cumprimento das tarefas e distribuição das mesmas. Havendo uma edição anterior, é o momento oportuno para a avaliação do trabalho realizado. O grande objectivo deste encontro é estimular a reflexão e a troca de ideias sobre o que se pretende publicar na edição do jornal, especialmente os temas que serão objecto de tratamento.



## MAFALDA

“Um projecto deste tipo deve contar com uma boa organização. Para que nada falhe e tudo seja programado e cumprido a tempo e ao pormenor, podemos escrever um plano ou um guião com as tarefas e os dias e horas em que devem ser realizadas”.



## FILIPA

“Pois, mas não chega apenas ter o plano escrito. De vez em quando importa realizar reuniões para saber se tudo está a correr como planeado e se é necessário corrigir alguma coisa. Essas reuniões podem acontecer no princípio, no meio e no fim de cada edição. Esta é uma forma de avaliarmos o andamento das coisas”.



## SARA

“Essas reuniões são, sem dúvida, fundamentais. Vão ajudar a melhorar o trabalho e dão um contributo para que o resultado final do jornal tenha a melhor qualidade possível”.





Chama-se a atenção para a importância de os textos serem elaborados no âmbito de cada um dos géneros jornalísticos (Figura seguinte): notícias, entrevistas, inquéritos e reportagens, nos informativos; editorial (texto breve de opinião, claro e incisivo, que poderá ser assinado por alguém da direcção ou não), a crónica, o comentário, as cartas endereçadas ao director, o cartune e os textos de opinião, nos opinativos.

## GÉNEROS JORNALÍSTICOS

### Géneros jornalísticos

#### Fundamentalmente informativos:

- Notícia
- Reportagem
- Entrevista
- Inquérito

#### Eminentemente opinativos:

- Editorial
- Comentário
- Opinião
- Crónicas ou rubricas
- Cartune
- Cartas ao director

ccc

Jornal Escolar

Sublinhamos a importância que há em motivar os leitores, de acordo com a denominada lei da proximidade (Figura seguinte), do ponto de vista temporal, geográfico, social e psico-afectivo.





LEI DA PROXIMIDADE

Lei da proximidade



ccc

Jornal Escolar





## HENRIQUE

“Como já dissemos, os textos do jornal devem ser divididos em informação e opinião. Estas duas áreas abrangem aquilo que já chamámos ‘géneros jornalísticos’. As ‘peças’ de informação podem ser notícias, entrevistas, reportagens e o inquérito. A opinião inclui o editorial, o comentário, a opinião propriamente dita, os cartunes (desenhos feitos com humor sobre um tem) e as cartas que são enviadas ao jornal”.

**Textos  
de  
Informação**



**Textos  
de  
Opinião**



## TIAGO

“Já agora, aproveitamos para falar num princípio que deve ser seguido para motivar as pessoas para a leitura do jornal e para as manter interessadas nos textos que são publicados. Chama-se a esta técnica ‘lei da proximidade’. Envolve o tempo, a geografia, os aspectos sociais e psico-afectivos, como podemos ver na imagem”.

### **Geográfica**

**Temporal**



**Social**

**Psico-afectiva**





Para não coarctar a criatividade e a participação, pode deixar-se ao livre arbítrio a escrita dos textos; todavia, para não haver dispersão, sempre sobre os temas que foram previamente eleitos. Neste início, transmitem-se várias recomendações aos representantes de cada turma no Conselho de Redacção, especialmente alguns dados técnicos do jornalismo. Que não sejam elaborados textos iguais sobre o mesmo tema:

- Que se siga, na medida do possível, a técnica do *lead* e da pirâmide invertida – organização da notícia com a informação apresentada do mais para o menos importante –, com a resposta às perguntas de referência: o Quê? Quem? Quando? Onde? Como? Porquê? (Figura seguinte). Sublinhe-se que a pirâmide invertida foi criada com a finalidade de obviar o problema do limite do espaço das páginas em suporte de papel dos jornais, cortando-se o excesso, mas que, mesmo assim, na contemporaneidade, tem um efeito simples, eficaz e eficiente do ponto de vista da produção e da publicação. Isto apesar de, com o aparecimento do jornalismo na *internet*, se alterar a finitude do suporte de papel do jornal devido às características do *webjournal* e às inúmeras possibilidades que o hipertexto concede indo ao encontro das preferências de cada leitor. Com estas condições de pendor quase infinito, é possível alterar a dimensão e a estrutura da matéria informativa, pelo que se aceita, no jornalismo electrónico, a tendência de se deixar de falar em “pirâmide invertida” na organização do que se quer publicar.

- Que os repórteres fotográficos registem fotografias sobre cada um dos assuntos.

- Que deve haver um bom uso da língua portuguesa, com correcção sintáctica (combinação das palavras na frase e das frases no discurso), morfológica (formas e modificações das palavras) e semântica (significação das palavras e a evolução do seu sentido).

- Que os textos devem ser elaborados em computador e guardados no disco rígido ou noutra suporte que permita o registo electrónico com, pelo menos, um título e o nome do autor.





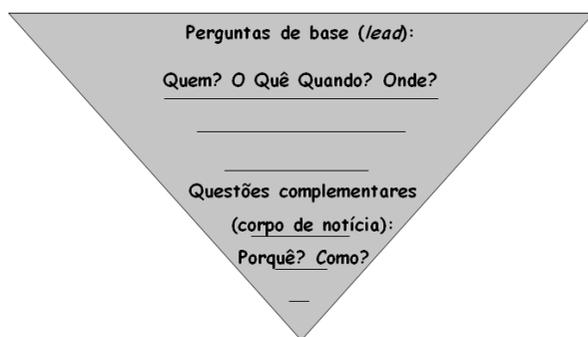
## PIRÂMIDE INVERTIDA

### Elaboração da notícia

#### Resposta às questões de referencia

- O Quê? - Facto (o que aconteceu, está ou vai acontecer)
- Quem? - Personagens (agentes de acção)
- Quando? - Data (dia, horas)
- Onde? - Local
- Como? - Modo como se passou (circunstâncias)
- Porquê? - Razões que estão implícitas

#### Técnica da pirâmide invertida com *lead*



ccc

Jornal Escolar



## HENRIQUE

“Agora vamos dar algumas dicas sobre técnicas jornalísticas. Isto é, como poderemos escrever textos que sejam lidos com gosto e de forma rápida pelas pessoas. Uma das técnicas mais simples é responder às questões principais ou também como se diz na linguagem jornalística “perguntas de referência”: O quê? Quem?





## Quando? Onde? Como? Por quê?”

Se a peça o exigir ou o jornalista o considerar, pode acrescentar antetítulo, entrada e subtítulo ou intertítulo (Figura seguinte). Havendo fotografias, devem seleccionar-se as que mais se adequam, colocando-lhes as respectivas legendas.

### CONSTITUINTES DO TEXTO

**Exemplo de página com componentes do texto jornalístico**

**Antetítulo (até quatro palavras)**

**Título (até seis palavras)**

**Entrada (até 30 palavras - esta tem 24 palavras e partículas de ligação)**

**Lead (até 30 palavras ou 300 caracteres - esta tem 52 palavras incluindo partículas de ligação) e 290 caracteres**

**Corpo do texto**

**Autor da peça**

**Subtítulo ou intertítulo (até três palavras)**

**Fotografia**

**Legenda**

**Professores em formação**

**Sta. Zita promove círculo de estudos**

A iniciativa tem como temas o jornal escolar e o enfoque histórico-cultural e junta, durante este ano lectivo, docentes do agrupamento de escolas da área urbana da Guarda

**António Silva**

Duas dezenas de professores do agrupamento de escolas da Área Urbana da Guarda participam, neste ano lectivo, no auditório da escola Augusto Gil (sede de agrupamento), num círculo de estudos promovido pela escola de Sta. Zita subordinado ao tema "O jornal escolar e o paradigma histórico-cultural

no contexto de ensino-aprendizagem". de Formação da Guarda (Cenforguarda) e vai

**O DESEJO DE VOAR...**

EB1 de Santa Zita  
Ano lectivo 2009/2011 / 2

**Jornal de Sta. Zita: ao serviço da comunidade**

Esta formação começa neste dia 11, é orientada por Carlos Carvalho da Costa e surge no âmbito de uma investigação que este docente e jornalista está a levar por diante no âmbito do jornal escolar, enquanto ferramenta educativa, e do enfoque histórico-cultural no contexto educativo.

permitted aos professores, além de receberem formação, acederem a duas unidades de crédito que poderão utilizar para a subida na carreira docente.

A actividade formativa conta ainda com a colaboração do semandrio "Terras da Beira", que irá, entre outros apoios, paginar o jornal trimestral "Desejo de Voar", elaborado pelos alunos, docentes e restantes membros da comunidade educativa de Sta. Zita.

**Dois créditos**

O círculo de estudos é apresentado pelo Centro

**Jornal Escolar**

Na segunda reunião (a meio do processo) confirma-se o que foi e não foi realizado de acordo com o guião. É o momento adequado para alterar ou corrigir o que de menos bom aconteceu ao longo do processo em cada turma ou grupo de jornalistas.

O terceiro encontro tem como finalidade a entrega dos trabalhos produzidos, a selecção final e, quando necessário for, a derradeira correcção e retoque nos textos, títulos e legendas das fotos. É neste estágio que a maquete do jornal é gizada, passando para a equipa ou a pessoa que o vai paginar (organizar os conteúdos nas páginas).





## MAFALDA

“Convém também apresentarmos os elementos que devem fazer parte dos textos. Os nomes são utilizados para identificar cada uma das partes das peças que são publicadas no jornal: antetítulo, título, entrada, subtítulo ou intertítulo, legendas, como também podemos confirmar na imagem”.

**Antetítulo**

**Entrada**

**Título**

**Subtítulo**

**Autor da peça**

*Lead*



**Fotografia**



SARA

“Relembramos a necessidade e a importância de avaliar tudo o que vai sendo feito ao longo do tempo, corrigindo possíveis erros em todos os momentos do trabalho: desde a preparação do guião até à impressão do jornal, passando pela recolha da informação, escrita de textos, a distribuição pelas páginas e a paginação”.





## Paginação, impressão e distribuição

A tarefa da imagem e da paginação pode ser cumprida pelo professor mais familiarizado com o *software* de edição electrónica ou, em alternativa, por um colaborador do jornal escolar. Nas escolas de níveis mais avançados, os próprios alunos podem, mais facilmente, assegurar esta tarefa.

A parte gráfica do jornal é essencial. Um jornal confuso é meio caminho andado para não ser lido. Um bom conteúdo pode esvair-se num suporte que transmita uma fraca imagem. E o contrário também é certo: o conteúdo pode ser de menor qualidade, mas se a imagem gráfica for agradável, o produto impõe-se mais facilmente.

A paginação tem precisamente a função de tornar o jornal apetecível aos olhos do leitor. O objectivo principal passa por tornar o jornal elegante, através do equilíbrio e da harmonia entre os diversos elementos. Este trabalho poderá ser efectuado com o contributo de cada jornalista ou articulista e elementos do Conselho de Redacção.

As fotos devem seguir ainda o princípio do equilíbrio, podendo a página ser distribuída igualmente entre a imagem e o texto ou, pelo menos, dedicar um terço da página à imagem. As legendas podem ser constituídas por duas componentes: a primeira é uma alusão explícita à fotografia e a segunda é um comentário ou reflexão, sendo a separação efectuada por um ou dois pontos (Figura anterior).

A hierarquia da informação e a distribuição do conteúdo pelas páginas é também uma tarefa importante. A valorização dos artigos passa necessariamente pela utilização de instrumentos que permitam evidenciar os conteúdos editoriais. Por exemplo, um título com muitas palavras pode ser pequeno e um título com poucas palavras pode ser grande. As colunas da paginação (duas, quatro...) influenciam também o destaque das peças, assim como as caixas (utilização dos filetes para a divisão e a visibilidade de qualquer informação) e os brancos da página, que podem existir sem exageros. As ilustrações desempenham papel essencial, com incidência nos cartunes e nos gráficos.





## HENRIQUE



“Sara, esse aspecto da imagem e da paginação, sendo bem conseguido, contribui sem dúvida para aumentar a qualidade do jornal. Isto porque, com um bom conteúdo e uma forma agradável e atractiva de o apresentarmos, captamos mais facilmente a atenção dos nossos leitores e são meio caminho andado para o seu sucesso. Uma boa paginação faz toda a diferença aos olhos do leitor, contribuindo em grande parte para o seu êxito”.

## GONÇALO

“Outra nota que devemos sublinhar diz respeito às ilustrações. Na gíria dos jornais, trata-se dos cartunes, dos gráficos, das fotos e das respectivas legendas. Não nos podemos esquecer que cada um deles deve acrescentar algo de novo ao texto, funcionando como um complemento”.

## Legendas



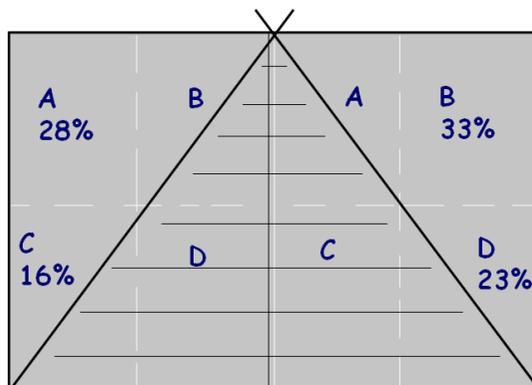


A ordem de aparecimento das secções ou rubricas assume também particular pertinência. A importância da informação deverá ser correlativa do tipo de página e da localização na própria página. No que concerne às páginas, a ordem sequencial decrescente de valorização passa pela primeira, última, página três, páginas ímpares e páginas pares. Para a localização na página (Figura seguinte), pode seguir-se o denominado “Triângulo de Starch”, sendo que o quarto superior direito de uma página ímpar é o espaço mais importante, com 33% de probabilidades de ser visto e memorizado, seguindo-se, por ordem decrescente, o quarto superior esquerdo da página par (28%), quarto inferior direito da página ímpar e quarto inferior esquerdo da página ímpar (16%). Ora, isto significa na prática que o ponto óptico da leitura das páginas se fixa nas páginas ímpares na parte superior à direita e nas pares na parte superior à esquerda. Qualquer publicação que se folheie provoca, de facto, essa tendência de leitura. Daí, também, o propósito de os textos serem paginados de cima para baixo e da direita para a esquerda, seguindo o sentido da leitura.

#### MEDIDA DE VALORIZAÇÃO, TRIÂNGULO DE STARCH

### Medida de valorização

Triângulo de Starch (situação dentro da página ímpar e par)



ccc

Jornal Escolar



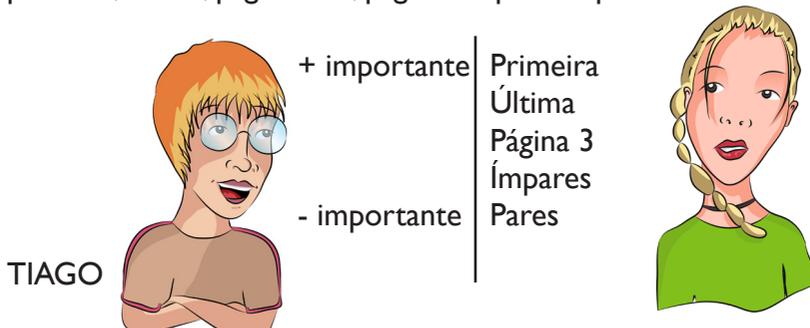


A originalidade do jornal passa muito pelo tipo de paginação e pelo estilo, assim como pela relação afectiva com o leitor.

Depois da paginação, tem lugar a fase de impressão caseira, ou seja, na escola, ou na tipografia (opção mais vantajosa do ponto de vista da qualidade e da excelência que se quer atingir). Um e outro processo devem ser atenciosa e devidamente acompanhados. Finalmente, o jornal chega às bancas da escola e da comunidade, através da distribuição e da venda.

## FILIPA

“Devemos ainda referir que a ordem do aparecimento das secções ou rubricas no jornal (loais onde são colocados os textos ou trabalhos escritos ou também chamadas peças jornalísticas) determina a maior ou menor importância que o leitor dá a cada peça e à publicidade que é publicada. Daí que haja uma hierarquia quanto às páginas e dentro de cada uma delas. Sabemos que a ordem seguida da mais para a menos importante é a seguinte: primeira, última, página três, páginas ímpares e pares”.



“Voltamos a lembrar que uma impressão feita numa tipografia de qualidade faz com que o jornal saia mais agradável aos olhos, porque mais vistoso”.





## Eventos relacionados com o jornalismo

Naturalmente que em concomitância a todo este trabalho é importante promover um conjunto de iniciativas ligadas ao jornalismo. Designadamente actividades formativas para docentes e discentes e eventos diversos neste âmbito. A formação mais de âmbito técnico em jornalismo (componentes do texto, géneros, técnicas de redacção, sociologia da informação, legislação basilar), no caso dos níveis de ensino iniciais (1.º ciclo), deve ser efectuada junto dos professores responsáveis pelas turmas. Estes terão oportunidade, no quotidiano das actividades, de a transmitir de forma simples e eficaz aos alunos, com propósito e significado.

A participação de jornais locais, regionais e nacionais é importante, assim como os apoios institucionais dos diversos serviços do Estado (a crise económica e financeira tem contribuído para a redução de subsídios a projectos considerados inovadores), de associações ligadas ao jornalismo escolar e das forças vivas da comunidade.



## HENRIQUE

“Para que as coisas funcionem bem e o projecto do jornal tenha continuidade na escola, até para que haja sempre novos colaboradores a entrarem na equipa de trabalho, importa que todos participem em acções de formação, particularmente na área do jornalismo”.



## Ações de formação



Jornalistas

Profissionais

## MAFALDA

“Renovamos a ideia de que, havendo essa possibilidade, o apoio e o contributo que possa ser dado pelos jornais profissionais poderá revelar-se de muita utilidade”.





## Outros suportes de difusão

Regra geral, cada uma das edições de um projecto consistente de jornal escolar não tem espaço suficiente para acolher a totalidade dos textos. Como referimos anteriormente, a selecção dos trabalhos tem de ser efectuado com o máximo de rigor e exigência, com base em critérios de qualidade, actualidade, propósito e pertinência. Este trabalho potencia nos alunos que dão corpo ao conselho de redacção a aprendizagem de aspectos relacionados com o sentido de justiça, de equidade, de transparência, de ponderação, de argumentação, de respeito, de tolerância.

Para ultrapassar a multiplicidade de trabalhos que não são publicados no jornal escolar, pode recorrer-se ao uso da *internet* – sítio onde possa ser depositado todo o trabalho sobranste ou outro que pela actualidade não pôde ser impresso na edição em suporte de papel do jornal –; ou através do jornal de parede, que, para o efeito, poderá existir na escola, num local nobre e estratégico. Este jornal estará sempre actualizado com as mais diversas informações, notícias, textos recreativos, etc. Também poderá ser organizado por secções, cabendo a sua gestão a uma equipa de alunos, coadjuvada por professores e não docentes. Este tipo de suporte e de técnica detém uma enorme plasticidade no espaço, podendo mudar de local e até acolher material tridimensional.

Este não é o local nem o propósito para abordar o uso de alguns suportes e meios inovadores em paralelo com o jornal escolar. Com a generalização das redes sociais e o fácil acesso às novas plataformas, donde se destaca o recurso ao *mobile*, não temos dúvidas em afirmar, em jeito prospectivo, que os jornais escolares não se distanciarão das novas tecnologias da informação e da comunicação, ainda para mais quando o acesso à *internet* é cada vez mais uma realidade nas escolas portuguesas. Desta forma, mais fácil se torna levar a bom porto estas iniciativas porque há sinais claros da parte dos órgãos de gestão e administração escolar de disponibilizar recursos de forma convergente, interactiva e cooperativa, numa concertação entre os vários estabelecimentos de ensino, designadamente os pertencentes ao mesmo agrupamento ou agregação escolar. Exemplo disso são os centros de recursos que têm vindo a ser constituídos e se encontram à disposição de jardins-de-infância e escolas dos Ensinos Básico e Secundário.





## HENRIQUE



“O trabalho sobre jornalismo na escola ajuda a criar e a melhorar capacidades relacionadas com a justiça, a equidade (dar a cada pessoa de acordo com as suas necessidades), a tolerância (respeitarmos os outros), a ponderação (pensarmos nas coisas e avaliarmos de vários ângulos e pontos de vista antes de agirmos) e a persuasão (explicarmos bem as coisas, com clareza e propósito, motivando naturalmente para o objectivo do projecto)”.

## SARA

“Como há sempre notícias novas a despontarem de acordo com o que vai acontecendo na actualidade e, ainda, para darmos vazão aos trabalhos que não podem ser publicados no jornal, podemos, além da edição impressa, fazer uso da *internet* ou de um jornal de parede”.



## GONÇALO



“No tempo em que vivemos, de fácil acesso às novas tecnologias, estas podem desempenhar um papel interessante na divulgação do jornal, sem pôr em causa o suporte de papel”.





Os jornais escolares poderão manter-se, irremediavelmente, no centro da vida escolar. Como tem acontecido desde que existem, continuarão a ser verdadeiros memorandos educacionais – muitas das actividades escolares, disciplinares e não disciplinares estão nas páginas deste *media*; continuarão a retratar a vida das escolas e das comunidades; a transmitir sucessos e problemas; necessidades e inovações.

Há quem coloque a dúvida se, de facto, as publicações escolares tenderão a privilegiar o suporte electrónico abandonando o suporte papel. Não se crê que tal venha a acontecer, porque um trabalho pedagógico e didáctico devidamente sistematizado em redor do jornal, em que os alunos assumem um lugar fundamental em todos os estádios do processo, necessita do suporte papel para aproveitar as suas inúmeras virtualidades. Para isso há a necessidade de o Ministério da Educação e Ciência conceder a necessária e legítima importância aos jornais escolares pelo que eles representam, de forma inofismável, na vida da escola e da comunidade:

Para além da necessária formação dos docentes, como defendemos, é imperioso que o Ministério da Educação e Ciência (MEC) continue a criar condições para que se aproveitem as potencialidades pedagógicas e didácticas destes projectos. Esse aproveitamento passa por questões simples como a atribuição às escolas de créditos horários para os professores que realizam este importante múnus fora das horas lectivas.

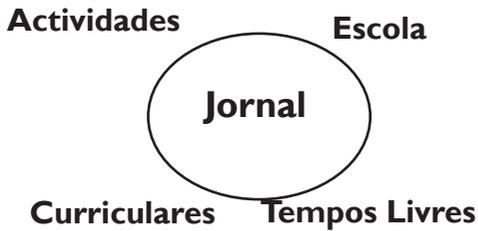
Aplauda-se a iniciativa do MEC, concretizada em maio de 2013 com a plataforma de jornais escolares (<http://jornaiscolares.dge.mec.pt/>) que acompanha e apoia o trabalho que está a ser realizado no jornalismo escolar. É de todo curial conceder especial atenção a esta tão importante ferramenta educativa, dentro e fora da escola, abrangendo públicos tão diversos quantos os que constituem as comunidades que envolvem os jardins-de-infância e as escolas.





## HENRIQUE

“Trabalhar para o jornal coloca-nos de forma permanente no centro da vida da escola. O jornal funciona como suporte de actividades escolares, disciplinares e não disciplinares”.



## FILIPA

“Deixamos um apelo final. Pela sua importância e pelo seu alcance na nossa instrução, educação, formação e qualificação o Ministério da Educação e Ciência deveria permitir que os nossos professores pudessem ter horas específicas (aquilo que se chama ‘crédito horário’) para desenvolverem este tipo de projecto. E os organismos oficiais deveriam ainda criar um serviço de apoio que juntasse a Educação e os *Media*”.

**Educação** *Media*





Não temos dúvidas em afirmar que há um espaço de progressão considerável em redor dos jornais escolares. Almejamos, por isso, um futuro promissor a este tipo de projectos. Há países que atingiram um grau de maturação considerável e que poderão servir de exemplo e de paradigma. A França é o exemplo de vitalidade e ousadia. Foi neste país que inclusivamente surgiu, imagine-se, a produção de um jornal escolar diário. Em Dezembro de 1988, quando a Escola de Bouzincour, na Picardia, recebeu um computador e uma impressora, um professor e 20 alunos do *cours moyen* (que corresponde ao Ensino Básico em Portugal), abalçaram-se num projecto de jornal escolar diário com o título “Hardi-page”. Constituído por uma folha A3 impressa em frente e verso, o jornal teve como públicos-alvo, logo à partida, os pais e a comunidade. O projecto foi implementado na base de um ateliê de exercício da escrita e da criatividade e de aprendizagem da democracia. O processo de produção ficou sob a alçada de um presidente que, semanalmente, era eleito no seio dos alunos. “Aqui já não se trata de abrir a escola à vida, mas de constatar que a escola está na vida”, sublinha Jackes Gonnet, que era, em 1996, director do CLEMI.

Com efeito, o jornal é uma verdadeira ferramenta de mediação social e instrumental, que estimula o conhecimento e a aprendizagem. Consideramos, pois, que é possível realizar um jornal a sério nas escolas, desde a mais tenra idade; com uma motivação acrescida por parte dos intervenientes, em particular dos alunos; entrelaçando o currículo e a realidade do quotidiano na base de uma actividade prática, significativa e de qualidade.





## HENRIQUE

“Quem sabe, se com a generalização deste tipo de projecto e o seu crescimento em qualidade, não chegaremos ao ponto de publicar um jornal diário, como aconteceu há muitos anos na escola francesa de Bouzincour, na Picardia”.

## TIAGO

“Relembramos que o jornal escolar pode ser uma importante ferramenta para o conhecimento e a aprendizagem, juntando o currículo e a actualidade do quotidiano, que a todos engrandece, como alunos e pessoas”.





## CONCLUSÃO

Como enfatizámos ao longo deste livro, concebemos o jornal escolar como uma forma de actividade prática e significativa para cuja realização se requer um conjunto de mediadores sociais e instrumentais que caracterizam a aprendizagem.

As propostas apresentadas visam estilhaçar o trabalho rotineiro, incipiente e sem vislumbre de rasgos de actividades significativas, dando lugar à criatividade e inovação porque, defendemos, o currículo e a cultura entrelaçam-se de forma clara. As potencialidades do jornal, designadamente enquanto instrumento para as aprendizagens, podem ser aproveitadas no âmbito do processo de ensino-aprendizagem. O aluno deve ser o epicentro do processo escolar e educativo. As suas necessidades e as suas virtudes têm de ser valorizadas. O exercício da cidadania está presente no quotidiano das actividades de cada criança, enquadrado pela tolerância, equidade, liberdade, justiça e responsabilidade.

As nossas investigações anteriores levam-nos a afirmar que a feitura de jornais estimula favoravelmente o hábito leitor, a criatividade, a autocorreção quando se escreve, a auto-estima, o espírito de equipa e o trabalho cooperativo; e que o mais importante no jornal escolar não é o produto final mas o processo de trabalho que é desenvolvido (com os seus erros e imperfeições), sendo que o jornal espelha as capacidades dos intervenientes, mas também as suas carências (incluindo as da escola onde se realiza).

O desenho educativo assente no jornal escolar contribui para a aquisição de conhecimentos, atitudes e valores, relacionados com a cognição a conduta e a cidadania (além das já mencionadas, a cooperação, a tolerância, o respeito pela diferença, o sentido de responsabilidade, a justiça, a solidariedade, a criatividade, a autonomia e a entajuda).





O jornal escolar é um veículo que estimula o estudo sobre a identidade da escola e do meio; potencia a interligação do meio sociocultural e da escola-curriculo como realidades e fontes de aprendizagens significativas para todos: discentes; docentes; pessoal não docente; encarregados de educação e pais; restantes membros da comunidade. O principal objectivo deste tipo de projecto é envolver os alunos, conceder-lhes o papel principal e activo no processo de ensino-aprendizagem; atribuir-lhes o protagonismo na realização das actividades; criar-lhes as condições para que saibam quais são as obrigações e os direitos que têm, as metas que devem almejar e o esforço necessário para tal. A aplicação deste tipo de desenho educativo demonstra que a aprendizagem frutifica quando os alunos são levados a assumir um papel pró-activo e participam em actividades significativas, guiados pelos professores, investigadores e, em geral, pelos gestores da comunidade para os quais a actividade passa a ser também significativa.

Neste campo do jornalismo escolar, muito há a fazer. Não interessa que sejam realizados voos de pequeno alcance, importa, isso sim, que sejam seguros e significativos do ponto de vista das aprendizagens. Espera-se, por isso, que as propostas apresentadas tenham o efeito de uma semente que possa germinar em cada estabelecimento de ensino, ano-a-ano. Votos de bom trabalho jornalístico.





POSFÁCIO

## **Educar en la responsabilidad informativa es construir moral ciudadana: el periódico escolar**

Celebro la publicación de este libro ciñéndome, por necesidades de espacio, a dos cualidades destacables de la propuesta de Carlos Carvalho da Costa.

Por un lado, el valor intrínseco desde el punto de vista educativo y evolutivo que aporta haber considerado el periódico en la escuela como una herramienta de trabajo asumida por el alumno y la comunidad escolar, devolviendo a los maestros el papel de *agentes en el camino del desarrollo intelectual y cognitivo de los alumnos* (y no de meros transmisores de un conocimiento empaquetado y secuenciado desde arriba) y a los alumnos el papel de *protagonistas de su propio aprendizaje* (y no de meros recipientes de los corpus de conocimientos establecidos en la agenda curricular de turno).

Por otro lado, el valor especial que adquiere este enfoque (*dar la palabra a los sujetos de la educación*) en unos momentos en los que los ciudadanos se están cuestionando seria y públicamente la imposición desde las instancias políticas y financieras de la doctrina del “pensamiento único”, que básicamente concibe el llamado “desarrollo” en términos exclusivamente económicos o, mejor, en términos de un crecimiento exponencial de la producción y consumo de bienes materiales claramente insostenible en términos de disponibilidad de recursos, de aniquilación de sistemas ecológicos del planeta y, no menos importante, en términos de construcción de la moral personal y colectiva, en términos de ciudadanía.

El trabajo de Carlos permite concebir esperanzas en las dos vertientes.

En términos educativos, el que los alumnos de un centro, guiados por sus profesores, hayan sido capaces de llevar a término la publicación (no importa que sea en papel o en un medio alternativo, como el electrónico)





de un periódico realizado bajo los criterios de la excelencia profesional, devuelve a la escuela el papel que nunca debió perder: el papel de construir el conocimiento *desde la actividad real y con objetos de conocimiento tomados de la realidad*.

En términos de moral y ciudadanía, el trabajo con el periódico realizado con respeto y rigor hacia el conocimiento que se obtiene y que se difunde, permite construir una moral basada en el rigor de la información, esencial para la profesión periodística y que cada vez está más ausente en el mundo de los medios.

Los niños, jóvenes y adultos que hayan pasado por esta experiencia serán los periodistas que necesitamos en los duros momentos que vivimos y viviremos. O, en todo caso, ciudadanos preparados para informarse y actuar en defensa de lo que creen justo.

En San Sebastián de los Reyes, Madrid, febrero de 2014

Prof.<sup>a</sup> Doutora Amelia Álvarez

Universidad Carlos III de Madrid

Laboratorio de Investigación Cultural





## REFERÊNCIAS

CANAVILHAS, J. (2007). Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada. Em Suzana Barbosa (org.) *Jornalismo Digital de Terceira Geração* (pp. 26-36). Covilhã: Livros Labcom.

COSTA, C. C. (2007). *O jornal escolar como ferramenta de desenho educativo no currículo. Uma proposta de intervenção baseada no conceito de actividade significativa*. Tese de Doutoramento não publicada, Universidade de Salamanca, Salamanca, Espanha.

TOUGH, P. (2013). *Educar para o futuro*. Lisboa: Clube de Autor, S.A.



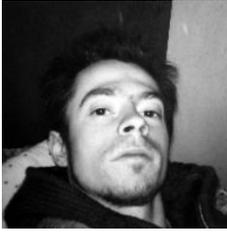


## AUTORES



Carlos Carvalho da Costa é natural da Covilhã (Ourondo). É professor e investigador. Doutorou-se em Comunicação, Educação e Cultura na Universidade de Salamanca, em 2007. Nesse ano, recebeu o Prémio Extraordinário de Doutoramento pela Faculdade de Ciências Sociais da mesma academia espanhola. Possui a Especialização em Comunicação Educacional. Em 2001 obteve o Diploma de Estudos Avançados (DEA) em Comunicação Audiovisual e *Marketing* naquela secular universidade e, em 1995, licenciou-se em Comunicação Social na Universidade da Beira Interior (UBI), Portugal. Realizou os cursos de Rádio (1992) e de Imprensa Escrita (1993) do Centro Protocolar de Formação Profissional para Jornalistas (CENJOR). Em 1987 concluiu o Magistério Primário no Fundão, ano em que iniciou as funções docentes. Entre 2003 e 2008 coordenou o jornal escolar “Desejo de Voar”, publicação trimestral premiada por diversas entidades e personalidades, da Escola do 1.º ciclo do Ensino Básico de Santa Zita, Guarda. Foi jornalista freelancer, tendo trabalhado, entre outros, no “Jornal de Notícias”. Orienta cursos de formação contínua de docentes e de recém-licenciados e mestres de amplo espectro académico e profissional. É dirigente no Sindicato dos Professores da Zona Centro (SPZC), FNE e UGT.





Rui Mouro é natural de Portalegre e é *designer*, professor e artista plástico. É mestre em Ensino das Artes Visuais (2013) e Licenciou-se em *Design* Gráfico em 2004. Tem no seu percurso artístico várias exposições individuais e coletivas como pintor. Como *designer* é *freelancer* há 10 anos e tem na *Daymon Worldwide*/Jerónimo Martins, Câmara Municipal de Portalegre, Nestlé e no Hospital de Santa Maria os trabalhos realizados de maior destaque. Atualmente é professor de *design* na Escola Secundária de Azambuja e colaborador com diversos *ateliers* de *design* gráfico.





Sérgio Carvalho Coutinho é natural de Lisboa. Professor de artes visuais, investigador, pintor, poeta, artista performativo e designer. Tem um percurso activo no Poetry Slam em Portugal – Poetry Slam Lisboa, Poetry Slam LX e Lab.I.O – como performer, dinamizador de eventos e orientador de workshops. É doutorando em História de Arte Contemporânea, sobre a temática da vanguarda artística na Europa, mestre em Ensino das Artes Visuais (2012), pós-graduado em História de Arte Contemporânea (2010) e licenciado em Design Gráfico (2008).





